

Laços e traços de identidade numa leitura de Karl von Koseritz

Rodrigo Cardoso Soares de Araujo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

rodhema@yahoo.com.br

Resumo: Ainda com 21 anos, em 1851, Carl von Koseritz abandonou sua terra natal na Germânia arregimentado para combater as tropas do General Juan Manoel de Rosas na Argentina. Porém, logo no princípio do combate, desertou e estabeleceu moradia na província do Rio Grande do Sul, sul do Império brasileiro. Residindo em diversas cidades daquela região, Koseritz se consagrou como um ativo participante dos negócios envolvendo a comunidade teuto-brasileira do sul do país. Este artigo tem como objetivo propor uma leitura da trajetória desta personagem baseada na tensão entre identidades presente em seus artigos escritos por ocasião de uma viagem ao Rio de Janeiro em 1883. Em determinados momentos é invocada a identidade alemã, em outros a teuto-brasileira, ou ainda, a teuto-brasileira sulista.

Palavras-chave: Imigração; identidades; Carl Von Koseritz.

Karl Von Koseritz (1830-1890) não é um estranho da historiografia e da literatura ensaísta brasileira. Sua trajetória foi objeto de investigação de vários pesquisadores, podendo-se dividir com clareza três momentos em que ele foi relembado com maior intensidade por escritores tanto alemães quanto brasileiros.

Na década de 1930, surgiram os primeiros trabalhos de maior fôlego sobre Koseritz, com Reinhard Köhne, K. H. Oberacker, Erich Fausel e Hans Gehse. De uma forma geral, esses trabalhos tinham uma perspectiva biobibliográfica, que pretendia analisar a vida de Koseritz, tendo-o em conta como um representante da comunidade teuto-brasileira, um porta-voz dos interesses deste grupo.

Num segundo momento, em torno da década de 1960, surgiram novas leituras da vida e obra de Koseritz, cabendo destaque para os trabalhos de José Fernando Carneiro e, novamente, de K. H. Oberacker.

Esse último reformulara seu texto, retirando aspectos racistas marcantes de sua primeira obra, na qual ainda que destacasse a atuação de Koseritz em prol dos teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, critica-o por não valorizar o sangue que trazia nas veias e a raça à qual ele pertencia. Ao reconhecer a capacidade de Koseritz de intervir na opinião pública, Oberacker lamentava que ele não tivesse sido um defensor da superioridade germânica em solo brasileiro.

Já a obra de José Fernando Carneiro tem seu enfoque principal na condição de Koseritz como representante da comunidade teuto-brasileira, acreditando que fora deste círculo Koseritz teria alcançado pouca influência pública, ainda que a tivesse almejado. Apesar das diferenças, ambos os autores viam um Koseritz circunscrito à sua vida enquanto teuto-brasileiro, incapaz de travar relações num círculo mais amplo da sociedade, senão na sua condição de representante máximo dos interesses de seu grupo.

Essas duas vertentes, apesar de seu caráter pioneiro, foram acusadas pela crítica por não darem conta de toda a produção de Koseritz, além de não aprofundarem a investigação para melhor compreender sua inserção dentro de um quadro político, social e cultural mais amplo¹. Com esta crítica em vista, nos últimos 20 anos, desenvolveu-se um terceiro momento de releituras da vida e obra de Koseritz.

A atuação dele em diversos espaços da vida pública, os intensos debates em que esteve envolvido em relação a diferentes questões com outros teuto-brasileiros, ou com brasileiros natos, possibilitou o recente surgimento de novos trabalhos. De característica monográfica, esses estudos são caracterizados pela delimitação de pontos específicos de sua atuação pública como jornalista, político, ou ainda, literato. Os propósitos destas análises são diversos, dentre eles: a maneira pela qual Koseritz entendia, com seu acentuado anti-clericalismo, o movimento Mucker e o messianismo proposto pelos luteranos estabelecidos no sul do país; as relações travadas entre Koseritz e o resto da bancada teuto-brasileira com os brasileiros na Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul; o liberalismo tardio expresso na obra de Koseritz, sobretudo no que diz

1. Para esta discussão bibliografia recorri aos seguintes trabalhos: GRÜTZMANN, In-gart. Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso de Karl Von Koseritz. In: *História Unisinos*. Vol. 2. São Leopoldo; Unisinos, 2003. GERTZ, René E. Apresentação. In: KOSERITZ, Karl Von. *Seleção de textos*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 1999.

respeito à religião e à imigração teuta; por fim, a influência político-literária de Koseritz na formação literária do Rio Grande do Sul.

Este artigo tem como objetivo sugerir uma proposta teórica para as investigações em torno do óbvio problema de identidade, ou ainda identidades, em torno do qual intelectuais como Koseritz refletiam. As nomenclaturas brasileiro, teuto e teuto-brasileiro, já correntes no século XIX, e às quais recorreremos nestas páginas, são indícios da tensão em torno dessa questão.

O material que servirá de fonte desta investigação será a coletânea de artigos publicados por Koseritz, em 1883, na sua folha *Koseritz Deutsche Zeitung*, por ocasião de uma viagem ao Rio de Janeiro e, em seguida, a São Paulo. Esses escritos foram reunidos no livro *Bilder aus Brasilien* publicado na Alemanha em 1885, traduzido por Afonso Arinos de Melo Franco e publicado no Brasil em 1943 sob o título de *Imagens do Brasil*. Trata-se de uma importante fonte para historiadores, que permite diferentes abordagens. A análise desses artigos oferece importantes reflexões para estudos centrados no funcionamento da política imperial, na história da urbanização e/ou da saúde, na história do cotidiano e, é claro, na história da imigração apenas para citar os mais flagrantes temas de estudo.

Para melhor compreender a leitura de *Imagens do Brasil* que pretendo aqui discutir, faz-se imperativo uma melhor apresentação de Koseritz e uma sumária exposição do processo de imigração teuta para o Brasil, mais particularmente, para o Rio Grande do Sul.

Karl (Carl ou ainda Carlos) Julius Christian Adalbert Heinrich Ferdinand Von Koseritz nasceu em Dessau, na Germânia, em 3 de fevereiro de 1830 e morreu no dia 30 de maio de 1890. Filho do barão de Koseritz compunha um grupo de intelectuais de tendências liberais dos quais muitos emigraram da Europa após a malfadada revolução liberal de 1848. Esse foi o caso de Koseritz, que em 1851, com 21 anos de idade, veio para o Brasil a serviço de uma tropa mercenária, conhecida como Brummer², contratada para combater o ditador argentino Juan Manuel de Rosas. Sebastião do Rego Barros – que havia sido preso em 1817 por conspirar contra o governo português e, posteriormente, chegou ao cargo de ministro da guerra durante o governo do regente Araújo Lima (Mar-

2. Zumbidor, rezingão, murmurador. Também designava moedas graúdas de cobre com as quais os soldados recebiam seu soldo.

quês de Olinda) –, foi o responsável por arregimentar a tropa dividida em doze companhias. Koseritz tinha o cargo de canhoneiro do segundo regimento de artilharia.

Derrubado Rosas do poder, a Argentina entrou num período de crise que seria parcialmente superado somente em 1862, com a retomada da hegemonia política argentina por Buenos Aires, dando início aos chamados anos da Organização Nacional que durariam até 1880. Pouco teve a contribuir os Brummers, pois ao se apresentarem em confronto a batalha já estava decisivamente favorecendo os grupos ligados a Justo José de Urquiza.

Antes disso, porém, Koseritz já havia desertado das tropas arregimentadas pelo governo brasileiro em 1852, na cidade de Rio Grande. Passou a viver na cidade de Pelotas onde se casou, teve filhos e exerceu os ofícios de guarda-livros e professor. Mas as atividades que o consagrariam como um indivíduo importante na comunidade teuto-brasileira sulista foram as de jornalista e político.

Em 1856, Koseritz aparecia na cena pública colaborando em *O Noticiador*; dois anos depois fundaria a primeira folha da qual seria proprietário: *Brado do Sul*, o primeiro periódico diário de Pelotas. Posteriormente, Koseritz foi para o Rio Grande, onde redigiu *O Povo* e colaborou no *Eco do Sul*. Em 1864, mudou-se novamente, indo dessa vez para Porto Alegre, onde sua atuação pública foi mais incisiva, e seu nome tornou-se conhecido no universo teuto-brasileiro, inclusive no Rio de Janeiro. Koseritz foi, sem dúvida, um dos jornalistas e políticos em mais evidência do sul do país na segunda metade do século XIX. A participação política de Koseritz pela imprensa foi tão sentida que Hans Gehse, em sua tese de doutorado de 1931, cunhou a expressão “era Koseritz” para os anos compreendidos entre 1864 e 1890, denominação seguida por boa parte dos estudiosos do assunto (GERTZ, 1999).

Em Porto alegre foi redator ou colaborador de diferentes periódicos: o *Jornal do Commercio*, *A Ordem*, *O Mercantil*, *A Reforma*, *Sentinela do Sul*, *Eco do Ultramar*, *Álbum de Domingo*, *A Acácia*, *A Lanterna*, *A Gazeta de Porto Alegre* e *O Combate*. Mas sua fama se deveu, sobretudo, à sua atuação à frente da redação do *Deutsche Zeitung*, entre os anos de 1864 e 1881. Em seu último ano nessa folha se desentendeu com outros redatores contrários a exposição brasileiro-alemã que estava organizando, o que o fez abandonar a direção do periódico. Mas a

vinculação do nome de Koseritz ao *Deutsche Zeitung* era tão intensa, que, logo depois de sua saída, fundou uma folha intitulada *Koseritz Deutsche Zeitung*. Mais tarde, mudaria o nome da folha para *Neue Deutsche Zeitung*. Vale mencionar ainda a publicação de seu popular almanaque, o *Koseritz Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul*.

Como literato, Koseritz publicou tanto em alemão quanto em português. Apenas cito suas principais obras de ficção: *A Donzela de Veneza* (1858), *A véspera de uma batalha* (1859), *Dramas* (1860), *Elissandro: um drama no mar* (1862), *Ad Majorem. Dei gloriam, Eine Erzählung aus der Colonie* (1874), *Die Sühne: Eine Erzählung aus der Colonie* (1875), *Der Jesuit: Eine Erzählung aus der Colonie* (1876), *Laura, perfil de mulher* (1887).

Como político, para além de sua atuação na esfera pública, Koseritz foi deputado da Assembleia Provincial entre os anos de 1883 e 1889. Tendo sido eleito com 754 votos do total de 1.137 de seu distrito (OBERACKER, 1961).

Antes da vinda de imigrantes como Koseritz para o Brasil na segunda metade do século XIX, a presença teuta já vinha se fazendo sentir mais sistematicamente desde os primeiros anos posteriores à independência. O processo migratório que levou milhares de indivíduos de diferentes nacionalidades a virem para o continente americano ao longo do século XIX deve ser entendido como resultante da dinâmica particular de cada região e a conjuntura política de cada país. No entanto, também atuou nesse processo o desenvolvimento capitalista na Europa Ocidental que submeteu parte da população a condições sociais que faziam a ideia da emigração tentadora.

Esse processo teve como consequência as mudanças profundas operadas no seio de comunidades que se desestabilizaram a partir das inovações tecnológicas que, de maneira não uniforme, alastravam-se por aquele continente. Desde fins do século XVIII, o desenvolvimento da indústria têxtil, a partir da implementação sistemática de maquinário a vapor, condenou a produção artesanal de tecidos a perecer diante da imbatível concorrência. Expandindo-se para diferentes setores, o desenvolvimento tecnológico em marcha nas regiões economicamente mais ativas da Europa Ocidental, era mais sentido nos centros urbanos, prosclínio de tais transformações. Por outro lado, o desenvolvimento industrial e tecnológico também foi sentido no meio rural, ainda que de

maneira indireta como, por exemplo, na desestruturação da rede social da ordem camponesa, baseada na organização familiar do trabalho. Assim, o efeito do desenvolvimento do capitalismo no meio rural foi marcado principalmente por transformações sociais que levaram massas de camponeses ou a buscarem sua inserção no mercado de trabalho nos grandes centros urbanos, na formação de exércitos de reserva das indústrias, ou a buscarem a sorte do outro lado do Oceano Atlântico (MACHADO, 1999). Vale lembrar que nessa mesma época, para o governo brasileiro interessava a ocupação de áreas estratégicas do país, tais como as regiões fronteiriças.

A primeira colônia teuta fundada no país, por iniciativa do governo imperial, foi a de São Leopoldo, localizada no Vale do Rio dos Sinos, em 1824. É claro que antes disso já havia a presença teuta no Brasil, mas esses imigrantes vieram por sua própria iniciativa. Durante o período colonial os poucos esforços feitos pelo governo português para atrair imigrantes, sobretudo portugueses e suíços, nunca atingiu grandes proporções.

Entusiasta da imigração teuta, o presidente da província José Feliciano Fernandes Pinheiro, conseguiu atrair um grande número de imigrantes até 1830 mediante a utilização de subsídios que possibilitavam, ao menos em teoria, o estabelecimento de famílias imigrantes no interior da província. Estima-se a chegada de um número aproximado de 5.000 indivíduos nesses primeiros anos de imigração (FLORES, 2004). Em 1830, a crise que culminaria com a abdicação de D. Pedro I fez com que esse esforço estatal fosse paralisado momentaneamente, mas o fluxo migratório não dependia exclusivamente dos esforços do governo, portanto, os teutos continuaram a desembarcar no sul do país.

Depois do estabelecimento de São Leopoldo, outras colônias foram formadas, estendendo-se por boa parte do sul do país, as principais colônias foram estabelecidas em Santa Cruz, Santo Ângelo, São Lourenço, Blumenau, Brusque e Joinville. Ao lado do núcleo populacional estabelecido em torno de São Leopoldo, Porto Alegre foi outra localidade que exerceu maior atração de imigrantes germânicos, em função da dinâmica comercial de que a capital da província dispunha por ser uma cidade portuária. Estima-se que entraram no país cerca de 60.000 indivíduos de origem teuta ao longo do período imperial.

Em relação a estas pioneiras colônias de fala alemã, há um consenso entre os estudiosos do assunto de que não houve maior

organização política nas primeiras décadas de imigração. Carlos H. Oberacker Jr., que escreveu um importante ensaio sobre a vida de Koseritz, é da seguinte opinião: “as primeiras décadas de imigração alemã para o Brasil são marcadas pelo comportamento apolítico. Eram ignorantes! Gente simples...” (1961, p.11). A noção de “comportamento apolítico” é problemática, e acredito que Oberacker Jr. se referia a uma visão específica do “ser político”, alinhada às formas tradicionais de atuação política consagradas pela elite imperial. Ou seja, aquelas formas de atuação política que não estavam relacionadas à tentativa de integração e participação no jogo político operado pela elite, não foram levadas em consideração por Oberacker Jr.

O marco do desenvolvimento de atividades políticas e intelectuais na comunidade teuta do sul do país é a década de 1850, na qual imigrantes como o próprio Koseritz, vieram para a região trazendo seus ideais liberais e seu ímpeto “mais politizado”. Se seguirmos o padrão estabelecido por Oberacker Jr., aqueles imigrantes que haviam entrado no país antes desta época seriam apenas sucedâneos dos escravos (*sklavenersatz*).

Durante as primeiras décadas de imigração alemã não existia a preocupação por estabelecer uma unidade étnica, cultural e nacional por parte dos imigrantes e das primeiras gerações de descendentes que começavam a surgir (GANS, 2004). Não se pretendia dar continuidade ao sentimento de pertença à cultura da qual eram oriundos e nem, por outro lado, fazer um esforço de se integrar ao mundo luso-brasileiro. A partir da década de 1850, com a entrada de imigrantes ligados à corrente de pensamento liberal, esta questão passou a ser vista como um problema a ser encarado, colocado pela intelectualidade de fala alemã como pauta do dia.

Os teutos que se estabeleceram no sul do país estavam emotivamente ligados pelo sentimento de *volkstum*, ou seja, uma índole nacional que remetia à essência de um povo, ligado a ascendência. No caso deles, *deutschtum*, uma nacionalidade herdada de seus antepassados germânicos, presente no sangue. Assim, a nação era entendida como um sentimento de pertencimento a uma comunidade que era independente de fronteiras geopolíticas, era a expressão de comunhão de um povo – ou etnia específica. Já do ponto de vista político, eles se viam como cidadãos ligados ao Estado brasileiro, identificados, assim, politicamente como partícipes de determinada organização social que lhes concedia direitos e obrigações. Ou seja, membros do Estado brasileiro e da nação alemã.

A entrada desses imigrantes, mais atuantes politicamente que os imigrantes da primeira metade do século, foi de grande importância para a consolidação de uma identidade própria dos teutos do Rio Grande do Sul. Nem teuta, nem brasileira, mas teuto-brasileira. O desenvolvimento da imprensa, escrita em alemão ou português, colaborou decisivamente neste sentido, ainda que estes jornalistas não conseguissem moldar de maneira unilateral esses laços de identidade. Seus discursos, além de estarem longe de manifestar opiniões homogêneas quanto a diferentes questões, eram submetidos à recepção de seus textos por parte dos leitores, que os reinterpretavam de diferentes maneiras (JAUSS, 1994).

Vale destacar que, da mesma forma que Ângela Alonso, não vejo a existência de um campo intelectual autônomo no Brasil imperial, pois durante este período a atividade intelectual esteve necessariamente imbricada com a política, tal diferenciação surgiu de forma clara apenas no período republicano (ALONSO, 2002). Com isso em vista, observa-se o lugar destacado que Koseritz ocupou nos debates travados entre membros da comunidade teuto-brasileira na imprensa do sul do país, não só no que diz respeito à identidade cultural daquele grupo, mas também e ao mesmo tempo, como ator político. Em periódicos escritos em alemão ou português, os teuto-brasileiros tinham influente participação na política brasileira, repelindo sua identificação como imprensa estrangeira. Assim, a imprensa voltada para a comunidade teuto-brasileira teve proeminente papel na formação cidadã deste grupo social mediante sua própria intervenção em questões de interesse nacional.

Nesse sentido, para a investigação aqui proposta, os textos escritos em 1883 que compõem a obra *Imagens do Brasil* é uma preciosa fonte, uma vez que a obra é marcada, sobretudo, pelas manifestações de alteridade com que Koseritz se defrontou na Corte Imperial. Na tentativa de rastrear a forma pela qual o jornalista entendia a inserção dos teuto-brasileiros na sociedade brasileira, vale observar os conflitos culturais a que ele se expôs em sua viagem, pois eles impulsionaram-no a discorrer em sua narrativa sobre o lugar social ocupado por si e por seus patrícios em solo brasileiro. O movimento de reconhecimento e estranhamento contínuos, presente na narrativa de Koseritz, permite vislumbrar alguns laços e traços de sua identidade.

Edward Said em seus trabalhos fornece uma fecunda chave teórica para a leitura da obra de Koseritz. Em *Cultura e Imperialismo*, Said refletiu

sobre o movimento imperialista de grandes potências, a saber: Inglaterra, França e Estados Unidos, analisando os embates culturais resultantes do processo de expansão ocidental pelo mundo. Concentrando seus esforços sobre alguns dos principais romances que tiveram como cenário ou tema o mundo colonial, e que foram produzidos nestes países imperialistas ao longo do século XIX, Said interpretou a interação mundial para além da marcada distinção de identidades indicadas em tais obras, separadas principalmente na dicotomia fundamental “nós” e “eles”. Segundo esta interpretação, o embate de culturas provocado no processo imperialista levou à imbricação e a sobreposição de diferentes identidades. “Em parte devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo” (1998, p.28).

Os autores dos romances estudados por Said não respondiam mecanicamente a reflexos de ideologias predeterminadas, mas antes, as formas estéticas produzidas por eles eram reflexo da experiência histórica, da qual a produção cultural era derivada. Esta questão é importante para pensarmos o papel cultural desempenhado por Koseritz, pois um traço marcante de *Imagens do Brasil* é o claro hibridismo, ou a sobreposição de identidades a que Said se referia em seus estudos. Koseritz se posicionava por vezes como alemão e em outras ocasiões como brasileiro, sobretudo, no que diz respeito aos direitos políticos. Seu posicionamento em muitos momentos é ainda teuto-brasileiro e, como pode se observar pelas suas observações sobre o Rio de Janeiro e sua população, muitas vezes ele se identifica como um teuto-brasileiro sulista.

Logo após embarcar na viagem que o levaria até o Rio de Janeiro em navio homônimo, em 12 de abril de 1883, Koseritz escreveu sobre a nostalgia que sentiu ao lembrar a época em que chegou ao Rio Grande do Sul, ainda como um brummer e escolheu, da mesma forma que muitos outros imigrantes, aquela província como sua “segunda pátria”. Este sentimento pátrio para com o Rio Grande do Sul é manifesto ao longo de toda a narrativa de sua viagem. Koseritz parece sentir uma falta de identificação com a capital, como podemos ver em um escrito seu dois meses depois de abandonar sua “pátria” no Brasil: “Isto por aqui é bonito, e eu não me posso queixar do acolhimento que tive, mas o Rio Grande é o Rio Grande e somente lá me sinto bem no Brasil” (KOSERITZ, 1980, p.107).

Ainda no início de sua viagem podemos observar alguns traços característicos da “germanidade” de Koseritz, determinante em seu repertório, ou seja, no conjunto de suas ideias e atitudes. Na primeira parada da viagem, no porto de Santa Catarina, nosso narrador ficou extremamente feliz, quando jantando no hotel em que se hospedara, “regados a boa cerveja alemã” conheceu dois importantes indivíduos de língua alemã, o deputado provincial Sr. Lepper e o capitalista Rudolf Helm, com quem travou animada conversação.

Na pequena cidade de Antonina, no Paraná, a primeira coisa que Koseritz fez foi ir á hospedaria da Sra. Rosskamm para jantar em companhia de seu amigo, o Dr. Rosch, que o acompanhava na viagem. Neste lugar, Koseritz teve uma amostra de sua influência na sociedade teuto-brasileira ao ser reconhecido pela dona da hospedaria como “o” Koseritz, cujo almanaque e jornal ela possuía.

Na parada seguinte, já em Santos, Koseritz procedeu de forma semelhante à parada anterior. Uma vez na cidade foi ao Hotel Central, de propriedade de Isaac Baumer, para tomar uma cerveja com seus amigos alemães. “[...] e fomos os últimos a acabar de beber, como acontece com um verdadeiro descendente de velhos alemães” (IDEM, p.27). Depois de algum tempo no hotel, um velho amigo de Koseritz, o Sr. Rahe, o encontrou por acaso. Naturalmente, eles dividiram mais algumas cervejas ali e, em seguida, rumaram para uma casa alemã a fim de beber a “mitológica cerveja Culmbacher de tonel”. Contudo, uma falta de gelo na cidade aquele dia os forçara a se contentar com a Culmbacher de garrafa.

A primeira coisa que o autor fez em cada uma das três paradas que a viagem teve, foi procurar uma casa alemã e tomar a sua cerveja preferida, a alemã Culmbacher, de preferência de tonel, melhor do que a de garrafa em sua opinião.

A chegada ao Rio de Janeiro, destino da sua viagem, no dia 23 de abril, não foi diferente. Antes de rumar para seu hotel em Santa Teresa, Koseritz foi para a casa Muller & Petzold em companhia de amigos alemães que o aguardavam para tomar uma Culmbacher gelada, desta vez de tonel, um de seus hábitos mais apreciados.

Sempre que possível ele procurava estar acompanhado de alemães ou de brasileiros de destaque no cenário nacional tanto na política quanto nas letras – fato do qual, por sinal, o autor se vangloria ao longo de toda a narrativa, com destaque à sua boa relação com o Imperador ou sua

amizade com ministros e figuras proeminentes das letras tais como Sívlio Romero. Defensor da cultura germânica, lamentava o fato de seus amigos mais próximos o “forçarem” a frequentar a parte afrancesada da cidade em detrimento dos rincões alemães. A influência cultural francesa no Rio de Janeiro surpreendeu o experimentado jornalista: “nas ruas mais movimentadas se ouve falar quase tanto o francês como o português” (IDEM, p.75). “O Brasil não corre nu pelo mundo, nem carrega flecha e arco; ao contrário; ele se veste com as mais recentes modas de Paris, traz um canivete e, em vez de arco e flecha usa uma bengala de passeio” (IDEM, p.41).

Koseritz esteve envolvido em fortes embates nesse influente espaço público que é a imprensa; seu posicionamento foi sintetizado em seu *Koseritz Kalender* de 1881: “sempre tive em vista, em todas as lutas partidárias, tão só os interesses do elemento teuto-brasileiro. Sempre tenho porfiado, reivindicado àquele elemento, a situação que lhe compete...” (KOSERITZ, 1881 apud OBERACKER, 1961, p.58). Mas qual a situação que Koseritz achava que competia aos teuto-brasileiros? Koseritz acreditava que os teutos no Brasil estavam incumbidos da missão histórico-cultural de disseminar a cultura alemã no país, naturalmente para ele superior.

Este posicionamento político que visava, ainda que pela perspectiva de cima, a integração dos teuto-brasileiros com o resto do país não era um consenso entre seus membros, sobretudo nas duas últimas décadas do século com a política pangermanista exercida pelo recém-fundado Estado alemão. Opondo-se a Koseritz, Wilhelm den Bruegger, que também havia sido um brummer e se transformara no cônsul honorário do Império alemão, defendia o estreitamento de laços com a Alemanha, rejeitando a naturalização e a participação na política do Brasil, defendidas por Koseritz. Posteriormente, Bruegger mudaria de opinião, chegando a ser eleito membro da Assembleia Provincial, em 1887.

Com esse intuito, Koseritz foi um aguerrido militante em prol dos incentivos à vinda de imigrantes alemães para o Brasil. Na década de 1880, políticos importantes do cenário nacional – como o Barão Casanção de Sinimbu, que marcou o retorno dos liberais ao poder em 1878, depois de uma década de domínio conservador – passaram a defender a entrada de imigrantes chineses para substituir a mão de obra escrava, que naquele momento era óbvio não duraria muito até que fosse extinta. Indignado

com a intenção de se trazer chineses para substituir os escravos, projeto que estava baseado numa relação de condições de trabalho muito semelhante, Koseritz, juntamente com importantes personalidades como o Visconde de Taunay, Hermann Blumenau, conselheiro Nicolau Moreira, João Clapp, barão de Tefé, Vicente de Souza, Hugo A. Gruber, André Rebouças, barão de Tautphaeus fundou a Sociedade Central de Imigração no final de 1883, quando estava no Rio de Janeiro. Tal sociedade pretendia combater a imigração chinesa e, neste mesmo sentido, as formas servis de organização do trabalho nas fazendas. Para alguns membros deste grupo a imigração ideal seria a de alemães.

Koseritz comemorava a boa recepção de que a sociedade aparentemente gozou em sua primeira reunião.

E igualmente agradável foi para mim o fato do sucesso da imigração alemã ser aqui reconhecida cabalmente. Nunca se tinha falado no Rio de forma tão clara sobre as grandes vantagens da imigração alemã como eu o fiz nesta oportunidade, sem receber nenhum protesto; e o fato de, ao contrário, ter as minhas palavras aplaudidas continuamente é uma prova de que também aqui no Rio se chegou à convicção de que o Brasil somente com uma forte imigração de origem germânica (entre a qual também coloco os tirolezes e os lombardos) pode esperar salvação (KOSERITZ, 1980, p.227).

Muitos políticos brasileiros defendiam a imigração de europeus, impregnados pelas ideias vinculadas ao darwinismo social, que propunha a tese de embranquecimento gradual da população brasileira por via da mestiçagem. Lilia Moritz Schwarcz, refletindo sobre a ciência e os cientistas no Brasil no final do século XIX e início do XX e a formação de instituições de pesquisa e ensino, afirma ser àquele momento a questão do cruzamento de raças, em andamento a largos passos no Brasil, “uma questão central para a compreensão dos destinos dessa nação” (SCHWARTZ, 1993, p.13).

Partidários desta corrente de pensamento, os membros da chamada Escola de Recife, que na década de 1880 tinha como principais representantes Tobias Barreto e Sílvio Romero, era caracterizada pela idolatria à filosofia monística alemã e o evolucionismo de Darwin e Haeckel (GRÜTZMANN, 2003). Koseritz comenta em algumas passagens de *Imagens do Brasil*, sua relação de amizade e admiração a Romero. Contudo, os dois acabariam por entrar em dissonância quanto à forma

pela qual as políticas públicas de incentivo à imigração alemã deveriam ser levadas a cabo. Romero defendia que o melhor aproveitamento do benéfico processo de imigração alemã no país seria feito a partir da distribuição dos imigrantes por todo o país. Isso facilitaria sua integração ao elemento nacional, tendo como consequência a difusão da cultura alemã e, num segundo momento, o embranquecimento da população brasileira através do cruzamento de raças.

Koseritz, por sua vez, defendia que a cultura alemã seria propagada pelo país com maior eficiência através do estabelecimento de rincões culturais, que possibilitassem a manutenção de uma identidade cultural homogênea capaz de, só assim, trazer frutos para o país. Os estudiosos da imigração alemã têm mostrado os aspectos particulares daqueles que se estabeleceram no Brasil contrariando as expectativas de Koseritz. Mesmo com a manutenção de rincões culturais, como defendia Koseritz, sobretudo na região sul do país, algumas trocas culturais provocadas pela inevitável interação com a cultura luso-brasileira resultaram, por exemplo, em sensíveis mudanças linguísticas (GANS, 2004).

Mesmo com a formação de núcleos populacionais, não é possível se falar em homogeneidade cultural dos alemães estabelecidos no Brasil. Em visita ao clube Germânia de São Paulo em 7 de novembro, Koseritz reconhece que:

Todos os que eu ouvi me asseguraram que os alemães daqui, tal como os do Paraná, têm o intimo desejo de criar uma situação política e de intervir ativamente na vida do país que escolheram como segunda pátria; [...]. E também, como sempre acontece onde há alemães, há em São Paulo facções e oposições no seio da colônia [alemã] (KOSERITZ, 1980, p.264).

Um dos indícios mais claros disso pode ser observado no tocante à questão religiosa. Ao menos entre os teuto-brasileiros do sul do país é impossível falar de uma religião que unisse o grupo. As principais sociabilidades religiosas verificadas são católicas, luteranos e, de forma mais difusa, uma que pode ser classificada como a dos “livres-pensadores” à qual Koseritz se filiava. A maioria dos comentadores se refere a Koseritz como livre-pensador, embora fosse maçom ligado à Grande Loja Provincial São Pedro do Rio Grande do Sul, ativo colaborador, chegando a escrever na folha maçônica *A Acácia*. Convicto liberal, manifestava

um profundo anti-clericalismo em momento propício para tal com a ocorrência do maior conflito entre a Igreja e o Estado no Brasil, a chamada “questão religiosa” a partir de meados da década de 1870.

O Papa Pio IX, elevado ao cargo em 1846, buscou obter maior controle sobre o clero a partir de Roma. Em 1864, com a publicação da encíclica *Quarta Cura*, essa nova postura, extremamente ultramontana, foi expressa, sobretudo, num documento anexo à encíclica, intitulado *Syllabus Errorum*, um catálogo de erros modernos, com os quais a Igreja não deveria compactuar. Um dos pontos deste documento condenava o *Placet*, privilégio também herdado da monarquia portuguesa que permitia ao imperador censurar documentos vindos de Roma. A maçonaria, que tinha muitos políticos importantes do governo ligados a ela passou a ser condenada. As irmandades leigas também foram abordadas no *Syllabus*, que julgava sua liberdade excessiva. O clero deveria se impor a essas associações a fim de subjugar-las da doutrina tridentina.

A política romanizante de Pio IX teve ampla repercussão no clero brasileiro. Bispos brasileiros, sobretudo aqueles que haviam estudado na Europa, viam com bons olhos a nova orientação vinda de Roma, ainda mais depois da realização do Concílio Vaticano I, que declarou a infalibilidade papal. Dois deles, D. Vital Maria de Oliveira em Olinda, e D. Antônio de Macedo Costa no Pará, foram além da simpatia à política ultramontana e colocaram-na em prática promovendo radical combate aos maçons, chegando à proibição de seus cultos e excomunhão de alguns membros. O governo, fazendo uso de suas atribuições legais condenou as ações dos bispos, que por sua vez não cederam às pressões estatais. O conflito se agravou e culminou com a prisão dos bispos em 1875. Posteriormente eles foram anistiados, mas as marcas que deixaram na relação Estado/Igreja se fizeram sentir até sua separação legal com o advento da República e, como defendem alguns estudiosos, mesmo depois (LUSTOSA, 1978).

Todos os biógrafos de Koseritz destacam seu profundo anticlericalismo que também perpassa a coletânea de textos a que me atendo, *Imagens do Brasil*. É explícito o seu posicionamento favorável à separação entre o Estado e a Igreja.

O Rio devia ser no tempo antigo um ninho de padres. [...] Felizmente esses tempos são passados. Como nenhum homem pode mais ser aceito

em ordens monacais³ desaparecerão brevemente os últimos habitantes dos conventos, e a sua fortuna reverterá ao Estado, que dela muito precisa (KOSERITZ, 1980, p.117).

Nesse mesmo sentido, vale observar o tratamento dispensado por ele à Igreja, por ocasião de uma visita à capela situada ao lado do convento de Santa Teresa:

Sobre o altar de mármore se vê a face lívida do Crucificado e, à sua direita, a imagem da mulher ascética que reformou a ordem das carmelitas e que não passava de uma louca, enquanto o mundo cristão orava para ela chamando-a Santa Teresa. Conheço bem a sua história e já escrevi sobre ela; sei que tudo isto é fantasia e superstição, e naquele altar vejo somente o filósofo, pois o filho do Homem não foi senão isto, como Baruch Spinoza e todos os outros reveladores de novas verdades. [...] Na falta de outra religião tenho a da tradição, e as coisas que os nossos antepassados honraram e amaram provocam meu respeito [...] (IDEM, p.203).

Conceber Santa Teresa como uma louca e Jesus Cristo como nada mais do que um filósofo em pé de igualdade com o cartesiano Spinoza denotam a maneira pela qual Koseritz encarava o cristianismo. Sem dúvida, afirmações como estas ofendiam gravemente os cristãos de uma forma geral e, mais particularmente, os católicos, ambos presentes na comunidade teuto-brasileira do sul do país, à qual estes artigos eram destinados. Daqui, entendemos melhor porque Koseritz, um atuante defensor dos interesses daquele grupo, não era reconhecido unanimemente como “o” representante deles, como queria a maioria de seus comentadores.

Outra observação que bem ilustra o choque cultural que sofreu no Rio de Janeiro e sua identificação com o Rio Grande do Sul é a de que não havia mulheres belas na cidade. Ao menos, segundo o autor, não eram tão facilmente vistas como em qualquer lugar de sua província. Durante a maior parte de sua vida Koseritz esteve convivendo em círculos sociais, onde a presença feminina era marcadamente a teuto-brasileira. Assim, o padrão estético do belo nele obviamente estava pautado naquilo que lhe era familiar. Fenótipos que não estivessem inseridos numa noção de belo concebida aprioristicamente, eram imediatamente condenados:

3. Referência ao decreto de 1855 que proibia as ordens religiosas a aceitarem noviços.

Das mulheres só sei que todas são mais ou menos feias, amareladas e ressequidas. Ainda não vi no Rio uma só cara bonita, destas que se vê cem vezes em Porto Alegre. Sem dúvida ouço contar que esta ou aquela dama da alta sociedade é muito bela, mas é quase certo que não é fluminense (IDEM, p. 56).

Depois desta primeira impressão geral das mulheres que habitavam a Corte, Koseritz se vê obrigado a fazer uma ressalva quanto a essa questão. Depois de uma divertida noite no clube Germânia do Rio de Janeiro em 2 de junho:

Até agora, no Rio, eu vira poucas damas relativamente belas, pois aqui, em conjunto, as mulheres e moças são feias; são todas delgadas, magras e pálidas, de forma que eu me fizera uma impressão muito desfavorável da beleza dessas damas. Devo excluir desse julgamento o pequeno grupo do Germânia, pois aqui vi muita juventude e muita florida beleza. Lindas figuras sadias, cores frescas, vivacidade e alegria, vestidos discretos e cheios de gosto faziam encantador o aspecto da sala e devo acentuar que entre as damas havia verdadeiras formosuras (IDEM, p. 95).

A percepção de que existiam mulheres belas naquela cidade só foi possível depois de uma noite num espaço destinado para a comunidade germânica. Ele chegou à mesma conclusão meses depois, em 6 de outubro, ao visitar outro clube dedicado à cultura alemã, o Beethoven. “Mais de 1000 damas enchem o grande espaço e excede a qualquer descrição o que ali se via em enfeites, toilettes e exibição de encantos desnudados. Era uma visão colorida e maravilhosa, pois há mulheres e moças muito bonitas no Rio” (IDEM, p. 216).

Envolto em um processo contínuo de reconhecimento e estranhamento, uma vez deslocado do nicho social ao qual pertencia, Koseritz se vê incapaz de pensar e agir de maneira distinta daquela que havia pautado toda sua vida. As mulheres que fugiam a seu padrão estético de beleza, não eram reconhecidas senão como feias, enquanto que por outro lado, a reunião de mulheres de origem germânica lhe remetia a seu padrão já previamente concebido de beleza. Assim, em certa medida, seu repertório encerrava sua capacidade de se defrontar com o mundo a determinadas amarras culturais.

No que diz respeito ao gosto estético de Koseritz, as mulheres de origem germânica vivendo no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro são, em suma, indistintamente belas. Mas para além desta questão e

outras semelhanças de ordem cultural entre os teuto-brasileiros do sul e da capital, derivantes de sua origem comum, Koseritz estabelece nítidas diferenciações entre ambas as províncias. Aguerrido militante em prol da colonização alemã e da participação política dos teuto-brasileiros, causou espanto ao autor o profundo desinteresse daqueles estabelecidos no Rio de Janeiro para com a política brasileira:

No verdadeiro sentido da expressão não existe aqui nenhum sentimento alemão, mas somente um sentimento dos países alemães, como se diz entre nós nas colônias. Os alemães do Rio são simples estrangeiros. Eles se interessam pelo Brasil e o seu destino até o ponto em que isto coincidir com os seus imediatos interesses. Além disto, acontece que reina um incrível desconhecimento das condições dos alemães do Rio Grande e Santa Catarina. A mim me fizeram as mais ingênuas perguntas sobre este assunto, e não existem no Rio 20 alemães que façam uma ideia real de uma colônia. Sobre a influência, extensão e estrutura da cultura alemã, ou melhor, do elemento alemão no Rio Grande não têm senão uma pálida ideia. São coisas muito distantes deles. Chegaram ao país para ganhar dinheiro; de dia trabalham, à noite vão para suas casas de campo, e quando se ocupam com qualquer coisa que não é certamente com a posição dos alemães do Rio Grande, mas com a situação na Alemanha. [...] Não existe traço de união entre os dois grupos. Os alemães daqui na sua maior parte consideram o Brasil como uma estação de passagem; o ponto central do seu interesse continua na Alemanha; eles se deixam conduzir e apoiam fielmente o poder alemão. Nós aí somos um povo colonial, que permanece na terra, funda bens de raiz e constitui família; o ponto central dos nossos interesses está no Brasil; fazemo-nos naturalizar e compreendemos que devemos ganhar participação e influência na vida política do país, a fim de que possamos nos fazer respeitar. A diferença é tão colossal que parece finalmente muito natural que entre as duas partes não exista nenhum ponto de contato e que o assunto da conversa entre os representantes dos dois grupos se mantenha justamente durante o tempo de se tomar um ou dois copos de Culmbacher (IDEM, p.108).

Para Koseritz, os alemães estabelecidos no Rio de Janeiro eram apenas “simples estrangeiros”, por conseguinte, aqueles estabelecidos no sul do país eram estrangeiros diferenciados, que pretendiam se integrar na sociedade brasileira. Ainda que não do ponto de vista cultural, uma vez que Koseritz era fiel defensor da superioridade germânica, mas sim, do ponto de vista político se defendia a plena participação nos negócios políticos do Brasil, como legítimos cidadãos.

Outra amostra da diferenciação estabelecida entre os dois grupos pode ser vista no dia 25 de agosto de 1883 por ocasião da passagem pela Corte do príncipe alemão Henrique, neto do Kaiser Guilherme. Obviamente o clube Germânia preparou uma imponente recepção para o sucessor do trono alemão. O príncipe, por sua vez, elogiou os alemães ali estabelecidos por viverem “à moda alemã”, fato reconhecido e agradecido em sua terra natal. Vejamos as considerações de Koseritz sobre este evento:

Infelizmente para nós o príncipe Henrique não poderá visitar a nossa província, onde se encontra a pedra de toque da cultura alemã no Brasil, e onde vive a mais densa população alemã. O príncipe Henrique não encontraria ali menor patriotismo alemão do que o que aqui louvou e ele informaria igualmente bem ao seu avô, Kaiser Guilherme, sobre nós, apesar de serem diferentes as circunstâncias no Rio Grande. Aqui havia apenas bandeiras alemãs na sala do ‘Germânia’ [...]. Entre nós, no Rio Grande, a bandeira brasileira não falta nunca ao lado da alemã, pois a grande maioria dos homens de língua alemã de lá já é nascida no Brasil e uma grande porcentagem dos imigrantes é naturalizada. O centro de nossos interesses está no Brasil, nós devemos participar da vida pública do país, no qual não vivemos temporariamente, mas onde nos estabelecemos e fundamos as nossas famílias, que ao Brasil dão o nome de pátria. [...] Mas nem por isto deixamos de guardar no coração um fiel amor pela velha terra, e sempre a ajudamos, quando ela atravessa horas penosas. A língua e os costumes alemães, o amor alemão ao trabalho e a fidelidade alemã são praticados por nós como talvez por ninguém mais no exterior, e nós mantemos os laços espirituais com a Alemanha tão firmemente quanto aderimos decididamente ao Brasil pelos laços políticos (IDEM, p. 178).

Os embates culturais são sentidos mesmo em espaços mais próximos à realidade cultural de Koseritz. Verificamos desta maneira, a sobreposição de traços de identidade em sua narrativa em certos momentos consensuais e em outros conflitantes. Sua origem germânica fazia com que estabelecesse laços, preferencialmente, com seus conterrâneos ou seus descendentes estabelecidos no Rio de Janeiro. No entanto, sentia-se distante deste grupo uma vez que ele não adotara o Brasil como sua pátria, tal como faziam os colonos sulistas.

Ainda que se descarte a forma pela qual Koseritz foi muitas vezes estigmatizado como representante máximo dos teuto-brasileiros, como demonstrei na primeira parte desta curta reflexão, não restam dúvidas

de que ele era um importante formador de opinião. Mesmo que seus escritos não fossem assimilados mecanicamente por seus leitores tal como ele pretendia – uma vez que, a palavra impressa está inevitavelmente submetida a diferentes recepções por parte dos leitores – Koseritz estava sempre no centro dos debates. Cativando seguidores de suas opiniões ou, pelo contrário, recebendo as críticas dos que discordavam delas.

Ao longo destas páginas pretendi demonstrar como a noção de identidades sobrepostas, formulada por Said, pode ser um fecundo viés de leitura para se entender os resultados culturais da expansão imperialista pelo mundo. Com a adoção deste percurso teórico vislumbrou-se a possibilidade de se interpretar a trajetória de intelectuais imigrantes como Koseritz para além de uma identidade estrangeira ou naturalizada. Mas sim, a partir da tensão estabelecida por uma pluralidade de traços e laços de identidade que se imbricam e sobrepõem.

No campo cultural, Koseritz reivindicava sua condição de estrangeiro. Para ele, ser alemão era motivo de orgulho, acreditava na superioridade cultural de sua raça e, assim, encarava seu lugar social no Brasil, a partir da perspectiva de uma missão histórico-cultural de divulgação da ilustração alemã nos trópicos. Já no campo político, Koseritz defendia a inclusão dos alemães e seus descendentes como um grupo específico, os teuto-brasileiros, que uma vez estabelecidos no país, deveriam ter direito a ampla e irrestrita participação política.

Os escritos produzidos por Koseritz por ocasião de sua visita à capital do país expõem a complexidade e a dificuldade de se formular conclusões peremptórias a respeito de sua identidade, e mesmo, do grupo do qual fazia parte, os teuto-brasileiros. Em alguns momentos alemães, em outros teuto-brasileiros e, ainda em outros, teuto-brasileiros do sul do país.

TIES AND TRACES OF IDENTITY IN A READING OF KARL VON KOSERITZ

Abstract: Even at age 21 in 1851, Carl von Koseritz left his homeland in Germany enlisted to fight the troops of General Juan Manuel de Rosas in Argentina. But right at the beginning of combat, defected and established residence in the province of Rio Grande do Sul, the southernmost Brazilian Empire. Living in various cities of that region, Koseritz established itself as an active participant in the business involving the Teutonic-Brazilian communities of the south. This

article aims to propose a reading of the history of this character based on the tension between identities present in his articles written during a trip to Rio de Janeiro in 1883. At certain times is claimed German identity, in others the Teutonic-Brazilian, or even the Teutonic-Brazilian southerner.

Key words: Immigration; identities; Carl von Koseritz

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil império*. São Paulo: Paz e terra, 2002.
- BHABHA, Homi K. Locais de cultura. In: *O local da cultura*. BHABHA, Homi K (org.). Belo Horizonte; Ed, da UFMG, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: A elite política imperial/ Teatro de sombras: A política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DREHER, Martin. N., RAMBO, Arthur Blásio, TAMONTINI, Marcos Justo. *Imigração e imprensa. XV Simpósio de História da Imigração e Colonização*. Porto Alegre; EST edições, 2004.
- FLORES, Hilda Agnes H. *História da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre; EST Edições, 2004.
- GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2004.
- GERTZ, René E. Apresentação. In: KOSERITZ, Karl Von. *Seleção de textos*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 1999.
- GRÜTZMANN, Ingart. Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso de Karl Von Koseritz. In: *História Unisinos*. Vol. 2. São Leopoldo; Unisinos, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da literatura como provocação a teoria literária*. São Paulo; Ática, 1994.
- KOSERITZ, Carl Von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1980.
- KOSERITZ, Karl Von. *Seleção de textos*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 1999.
- LUSTOSA, Oscar Figueiredo. *Evangelização e comportamento religioso popular*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre; Ed. da UFRGS, 1999.
- OBERACKER, Carlos H. *Carlos Von Koseritz*. São Paulo; Anhembi, 1961.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo; Companhia das Letras, 1998.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad.: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRE O AUTOR

Rodrigo Cardoso Soares de Araujo - Doutorando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

Recebido para publicação em 05/07/12

Aceito para publicação em 31/07/12